

nio de Alandalús pelos Almorávides. Não são porém conhecidas, que eu saiba moedas de tais cecas.

Mas basta a suspeita da possibilidade da sua existência para se deverem recolher todas as moedas muçulmanas que apareçam e para aconselhar os seus possuidores que não as saibam decifrar, a facultá-las ao exame dos entendidos, por ser fácil que no seu estudo se apurem dados interessantíssimos para iluminar a história de Portugal, por que, como diz o venerando académico D. F. Codera <sup>1</sup> «... en las monedas de esta época de nuestra historia, tan poco conocida, dificilmente se encontrará una población que no pueda recoger datos ignorados de todos sus historiadores ... leyendo ... el nombre de *algun rey*, de *algun principe de la familia*, ó de *algun alto empleado*, desconocido hasta hoy ... quizás, con el tiempo otros puedan leer alguna página del libro misterioso, y leyendo y publicando unos unas, otros otras, nuestros sucesores poderan saber, si no toda nuestra historia, algo más de lo que nosotros podemos saber».

Lisboa, 1916.

MANUEL F. DE VARGAS.

## Notas epigráficas

### 1. Dois monumentos sepulcrais romanos do Alentejo

(Desenhos de Saavedra Machado)

#### I

No *Arch. Port.*, xix, 397, e nota 1, disse eu que havia obtido do Sr. Ricardo O'Neill, para o Museu Etnológico, uma ara romana, funerária, que estava na herdade da Defesa dos Barros <sup>2</sup>, onde eu a vira em 1914 por indicação do Rev.<sup>do</sup> Prior do Ervedal.

Aqui a represento na fig. 1 (frente) e fig. 1-A (lado esquerdo). É de mármore, e mede de altura 0<sup>m</sup>,94, de largura em cima 0<sup>m</sup>,50, ao centro 0<sup>m</sup>,43, de espessura em cima 0<sup>m</sup>,23, ao centro 0<sup>m</sup>,21. Na parte superior tem uma excavação rectangular, que mede 0<sup>m</sup>,42 × 0<sup>m</sup>,17 × 0<sup>m</sup>,07.

Como se mostra do desenho, uma das faces principais da ara apresenta uma inscrição, que consta de duas partes: uma d'elas, de oito linhas, gravadas dentro de uma moldura; e a outra, de uma

<sup>1</sup> *Titulos honoríficos y nombres propios en las monedas arabigo-españolas.*

<sup>2</sup> Fréguesia de Figueira dos Barros, concelho de Avis.

linha, gravada fora e em cima. A moldura em que está gravada a parte maior da inscrição fica dentro de outra, que tem a forma de portada, com vèrga e soleira ornamentadas, e cujos lados são formados de duplas pilastras coríntias (mas na da esquerda do observador já destruídos os capitéis). A 1.<sup>a</sup> palavra da 2.<sup>a</sup> linha da inscrição pode estar por *Gal*, e ser pois abreviatura de *Gallia*, mas na mesma linha ha um indubitavel *G*, que tem outra fôrma; além d'isso o C de CAL é igual ao da 7.<sup>a</sup> linha; por isso fica incerto o *nomen* (*Calidia*, ou outro). O cognome *Hegesistrate* corresponde ao feminino de *Ἡγῆσιστρατος*, e



Fig. 1



Fig. 1-A

creio que é a primeira vez que aparece, pelo menos não o encontro, nem no *Onomasticon* de De Vit, nem no *Wb. der griech. Eigennam.* de Pape. A tradução é: «Sagração aos deuses Manes. Cal. Hejesistrate, ou Hegesistrata, de 17 anos (está aqui sepultada). Seja-te leve a terra. Caio Alexandre, pai (da morta, mandou fazer este monumento)».

Na face esquerda da ara vê-se uma pomba que está debicando nos frutos de uma arvore desfolhada: será um emblema da alma do morto, que disfruta os gozos do Paraíso; cf. *Religiões*, III, 386 e 445-446. A idea, puramente pagã, de que a pomba simbolizava a alma humana<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Aos exemplos que já dei nas *Religiões*, III, 446, n. 1, outros se podem juntar: Wiedemann, *Die Toten im Glauben der Aegypter*, Leipzig 1910, p. 17.

perdurou entre os Cristãos: cf. P. Syxto, *Notiones Archaeologiae Christianae*, II, II (1910), 8 sgs., onde se publicam figuras semelhantes. Quando Franquilla, abade de Cela Nova (Galiza), falava, entrava-lhe e saía-lhe pela bôca uma pomba<sup>1</sup>. Ou de origem pagã, ou de origem cristã, há uma lenda na Irlanda em que três mortos tomam a fôrma de três pombas brancas<sup>2</sup>.

A ara recebeu no Museu o número de entrada 5:297.

## II

No citado volume do *Archeologo*, p. 393, referi-me a outra ara romana que obtive no Alentejo, e me fôra dada pelo Sr. Manuel Fernandes. Represento-a na fig. 2. É de mármore, e mede de altura 0<sup>m</sup>,52, de largura máxima (em cima) 0<sup>m</sup>,22, e de espessura no centro 0<sup>m</sup>,097.

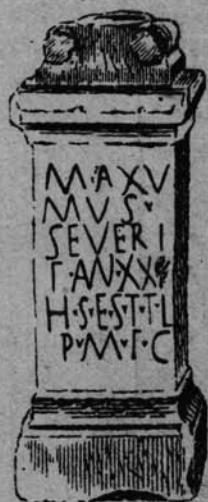


Fig. 2

Numa das suas faces principais ha uma inscrição que diz:

*Maximus, Severi filius, an(norum) 21, h(ie) s(itus) e(st). S(it) t(ibi) t(erra) l(evis). P(ater) m(iser)rimus(?) f(aciendum) c(uravit).*

O F, tanto na linha 4.<sup>a</sup>, como na 6.<sup>a</sup>, não tem côrte.

Para a aquisição d'êste monumento contribuiu o Sr. José Francisco Bugalho, da Fronteira, que me apresentou ao Sr. Fernandes. Apareceu no «monte» de S. Francisco, concelho de Fronteira; por aí descobre o arado de vez em quando moedas, e, ao que me dizem, mosaicos.—O monumento recebeu no Museu o número de entrada 5:299.

### 2. O deus igeditano «Revelanganitaecus»

No *Boletín de la Academia de la Historia*, LXIV, 311, insere o Sr. R.<sup>o</sup> Fidel Fita um artigo em que, referindo-se ao deus igeditano *Revelanganitaecus* ou *Revelanganidaeigus*, cujas inscrições publiquei nas *Religiões*, II, 323, e III, 210, analisa assim os respectivos nomes (em dativo): *Reve Langanidaeigui*, e *R[eve] Langanitaeco*. Cada

<sup>1</sup> D. Rodrigo da Cunha, *Catalogo dos bispos do Porto*, 1623, parte 1, p. 581.

<sup>2</sup> *Revue Celtique*, xxxv, 210.

palavra fica pois decomposta em dois elementos, e o autor vê no primeiro o dativo *Reve* de outro nome divino que aparece numa pedra galega cuja inscrição deu a lume no mesmo *Boletim*, LVIII, 513. Esta decomposição é porém incompreensível, pois dizendo o Sr. Fita no *Boletim*, LVIII, 513 e 514, que *Reve*, na pedra galega, é o dativo de *Reva*, nome feminino («la diosa *Reva* ou *Reua*»), como é que na inscrição igeditana faz concordar com essa palavra outra no masculino, visto que o suposto *Langanitaeco* termina em *-aeco*?

O Sr. Fidel Fita não hesita, no *Boletim*, LVIII, 514, em comparar a *Reve* galega com o latim *rivus* e o francês *rivière*, quando é evidente que estas palavras nada tem com aquela: em *rivus* o *i* é longo, ao passo que em *Reve* temos *e*; o francês *rivière* vem de *riparia*, que deriva de *rîpa*.

Pena é que a grande erudição, que o Sr. Fidel Fita realmente possui, não se submeta sempre às exigências do método glotológico.

J. L. DE V.

### Apontamentos arqueológicos do concelho de Marco de Canaveses

(Continuação d-O Arch. Port., XIX, 12)

Mais insculpturas se acham dentro de um prédio culto, com olival, pertencente à família Castro, ali residente; o prédio fica fronteiro à capela da família Serpa, do outro lado do caminho ou rua. A fraga em que estão gravadas as insculpturas é plana e está toda de nível com o solo adjacente. Demos começo à nossa descrição principiando pela maior das quatro fossas. É uma escavação de forma rectangular, de 4 metros de comprimento, 2<sup>m</sup>,45 de largura e 0<sup>m</sup>,37 de altura. Falta-lhe uma das paredes maiores, a da frente, que foi destruída; é, porém, fácil reconstituí-la pelos vestígios que deixou na superfície da fraga. A fossa tinha deste lado um bueiro para escoamento pelo sulco que se vê cavado do lado de fora da parede que falta. O sulco começava já no interior da fossa, em cujo pavimento se notam vestígios dêle, atravessava depois a parede da fossa e seguia em declive pela superfície da pedra fora até a extremidade desta. Neste ponto está partido, porque o restante da fraga foi estilhaçada. O sulco tem de comprimento 0<sup>m</sup>,30, de largura 0<sup>m</sup>,06 e altura 0<sup>m</sup>,04.

A pia imediata à antecedente, e que lhe fica mais próxima, é uma pequena cavidade, de forma quadrada, e tem tanto no comprimento como na largura 0<sup>m</sup>,23 e de altura 0<sup>m</sup>,15. Está completa, em bom